

LISETE NAPOLEÃO MEDEIROS

---

*Dizer  
por  
que  
dizer*



LISETE NAPOLEÃO MEDEIROS

---

*Dizer  
por  
que  
dizer*



UESPI  
2ª Edição  
2020

LISETE NAPOLEÃO MEDEIROS

# DIZER POR QUE DIZER



UESPI  
2ª Edição  
2020



# UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

**Nouga Cardoso Batista**  
Reitor

**Evandro Alberto de Sousa**  
Vice-Reitor

**Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho**  
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

**Gustavo Oliveira de Meira Gusmão**  
Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação

**Ailma do Nascimento Silva**  
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

**Pedro Antônio Soares Júnior**  
Pró-Reitor de Administração

**Rosineide Candeia de Araújo**  
Pró-Reitora Adj. de Administração

**Raimundo Isídio de Sousa**  
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

**Joseane de Carvalho Leão**  
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

**Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote**  
Pró-Reitora de Extensão,  
Assuntos Estudantis e Comunitários

**Marcelo de Sousa Neto**  
Editora da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ • UESPI



**José Wellington Barroso de Araújo Dias** Governador do Estado  
**Maria Regina Sousa** Vice-governadora do Estado  
**Nouga Cardoso Batista** Reitor  
**Evandro Alberto de Sousa** Vice-Reitor

**Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho** Pró-Reitora de Ensino de Graduação  
**Gustavo Oliveira de Meira Gusmão** Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação  
**Ailma do Nascimento Silva** Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação  
**Pedro Antônio Soares Júnior** Pró-Reitor de Administração  
**Rosineide Candeia de Araújo** Pró-Reitora Adj. de Administração  
**Raimundo Isídio de Sousa** Pró-Reitor de Planejamento e Finanças  
**Joseane de Carvalho Leão** Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças  
**Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote** Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários  
**Marcelo de Sousa Neto** Editora da Universidade Estadual do Piauí  
**Autora** Revisão  
**Editora e Gráfica - UESPI** Capa, projeto gráfico e e-book

M488d Medeiros, Lisete Napoleão.  
Dizer por que dizer / Lisete Napoleão Medeiros. - 2a ed. - Teresina :  
FUESPI, 2020.

E-book

ISBN: 978-65-990292-8-8

1. Língua portuguesa. 2. Etimologia. 3. Ditos populares. 4. Cultura popular. I. Título.

CDD: 469.709

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI  
Ana Angélica Pereira Teixeira (Bibliotecária) CRB 3a/1217

**Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI**  
UESPI (Campus Poeta Torquato Neto)  
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI  
Todos os Direitos Reservados

A meus filhos:  
Gervásio Neto e Ricardo Napoleão com todo  
amor deste mundo.

## SUMÁRIO

Os ditos populares e suas origens	11
<i>Gisleno Feitosa</i>	
Agradecimentos	13
Prefácio	15
<i>ALÉM DAS PALAVRAS: manifestações da cultura oral</i>	
<i>Raimunda Celestina Mendes da Silva</i>	
Uma introdução necessária	23
<i>Herculano Moraes</i>	
Prólogo	24
Amigos perdi o dia	25
O calcanhar de aquiles	25
Quem vai pôr o guizo no	26
Pescoço do gato?	26
O voto de minerva	27
Quem não está comigo	28
Está contra mim	28
O amor é mais forte do que a morte	28
Das coisas da casa cuide a mulher	29
Entrar com pé direito	29
Sem eira sem beira nem tribeira	30
Agora é tarde, inês é morta	30
Custar os olhos da cara	31
Larápio	32
Os quatro ventos	32
Velcro	33
Bafo de onça	33
Santinha do pau oco	33
Sem eira nem beira	34
Lua de mel	34
Casa de mãe joana	35
Chegar de mãos abanando	35
Pensando na morte da bezerra	36

Farinha do mesmo saco	36
Dor de cotovelo	37
Quem não tem cão caça com gato	37
Xará	38
Ficar a ver navios	38
Fazer nas coxas	39
Cair nos braços de Morfeu	39
Sair à francesa	39
Fazer gato e sapato	40
Presente de grego	40
Maria vai com as outras	41
Estar na pindaíba	41
Meter mão em cumbuca	42
Cuspido e escarrado	42
Para inglês ver	43
Boi de piranha	43
Bicho de sete cabeças	44
O quinto dos infernos	44
Puxa saco	44
Carioca	45
Lé com lé, cré com cré	45
Do arco da velha	45
Dose de elefante	46
Lágrimas de crocodilo	46
Memória de elefante	47
Andar à toa	47
Dor de cotovelo	48
Quem não tem cão caça como gato	48
Tirar o cavalo da chuva	49
Mão na roda	49
No tempo do onça	50
Forró	50
Mão de vaca	50
Salário	51
A grande e à francesa	51



Ave de mau agouro	52
Passar a mão pela cabeça	52
Queimar as pestanas	53
Carcamano	53
Favas contadas	53
Pagar o pato	54
Tempo de vaca gorda	54
Segurar vela	55
Meia tigela	55
Conto do vigário	56
Não ter papas na língua	56
Água mole em pedra dura tanto bate ate que fura	56
Salvo pelo gongo	57
Carta na manga	57
Carta na mesa	58
Aos trancos e barrancos	58
De pés juntos	58
De tirar o chapéu	59
Ok	59
Gatos pingados	59
Mais vale um pássaro	60
Cor de burro quando foge	60
Onde judas perdeu as botas	60
Nos cafundós de judas	61
Deixar de nhenhém	61
Jurar de pés juntos	61
Dormir com as galinhas ou acordar com as galinhas	62
Estômago de avestruz	62
O canto do cisne	62
Abraço de tamanduá	63
Olhos de lince	63
Com a corda toda	63
Acorda meu povo	64
Sangria desatada	64
De cabo a rabo	64

Da pá virada	65
Tapar o sol com a peneira	65
Arroz de festa	65
Bater as botas	66
Dar com burros n'água	66
Dar de mão beijada	66
Engolir sapos	67
Pão e circo	67
Dados biográficos da autora	68

# OS DITOS POPULARES E SUAS ORIGENS

\*Gisleno Feitosa

“A etimologia é a certidão de nascimento da palavra” já dizia Sérgio Pandolfo, saudoso médico e escritor paraense.

O nosso idioma é muito rico e os ditados populares são recursos de linguagem que o povo usa até para se fazer entender num diálogo.

As expressões curiosas que encontraremos neste livro, fazem parte do repertório que ouvimos praticamente todos os dias. Elas estão em circulação há tanto tempo e já se tornaram parte da nossa cultura. Apesar de todo mundo conhecer os seus significados, se pararmos para pensar, ao pé da letra, essas frases não fazem muito sentido. Historiadores e escritores sempre tentaram descobrir a origem dessa riqueza cultural, mas essa tarefa nunca foi nada fácil.

O grande escritor Luís da Câmara Cascudo já dizia que: “os ditados populares sempre estiveram presentes ao longo de toda a História da humanidade”. No Brasil isso não é nenhuma novidade.

Pensando nisso, a Professora Lisete Napoleão fez uma ampla pesquisa a fim de nos mostrar de onde e como surgiram, para que possamos matar a curiosidade e impressionar os amigos, explicando cada uma, tim-tim por tim-tim!

Lisete é professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e tem vasta experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Piauiense. Aos que não a conhecem, Lisete é uma escritora alegre, jovial e dinâmica. Apesar das várias atribuições, ela cultiva permanentemente largo sorriso e consegue encantar a todos que a cercam.

Depois de várias obras primas publicadas, Lisete resolveu nos brindar com o “DIZER POR QUE DIZER”. Aqui você vai saber o significado de: “Ganhar o dia”, “Calcanhar de Aquiles”,

“Entrar com o pé direito”, “Inês é morta” e tantas outras preciosidades.

Portanto, vamos “deixar de nhenhém”, “por as cartas na mesa”, pois Lisete “está com a corda toda” e veio nos “dar de mão beijada”, o “DIZER POR QUE DIZER”. Evite “dar com os burros n’água” e antes de “bater as botas”, descubra que a leitura deste livro é uma fonte de prazer e entretenimento. Eu “juro de pés juntos”!!!

Vamos, pois, ao que interessa: abra o livro e se deleite. Aprecie, sem moderação!!!

\*Médico, membro Titular da Academia Brasileira de Médicos Escritores, Academia de Medicina do Piauí, Academia de Ciências do Piauí e Academia de Letras do Vale do Longá.

## AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a todos: familiares, (do mais próximo aos mais longínquos;) especificadamente Erice Napoleão Medeiros e Irisdalva Napoleão Medeiros Lima Brito, minhas irmãs de sangue que amo de forma incondicional e comigo fazem a caminhada terrena, enquanto Erivan, Elisabeth e Gervásio Júnior foram ladear nossos inesquecíveis pais, GERVÁSIO e LISETE, no outro lado da vida; gratidão também aos amigos, colegas, corregilionários, confrades, alunos, poetas e demais convíveres que muito contribuem para me tornar maior e melhor nesta caminhada terrena.

Meu carinho e reconhecimento a Herculano Moraes, Guru e amigo.

Minha eterna gratidão à Chico Castro, responsável por minha primeira edição literária (1994).

Meu tributo a Pedro Costa, José Fortes, que recentemente foram para o outro lado da vida.

Um “Brinde à Vida” e a Marcelo de Sousa Neto, Pedro Magalhães Neto, José Ribamar Carneiro, Telde Lima, Sales Palha Dias, Marcos David Neri, Miro Silva, Paulinho Ferreira, Anaci Pereira, Israel Machado, Idê Coelho, Jesus Gomes, José Luiz Soares, João Carlos de Sousa, Cícero Rodrigues Neto, Frei Antônio Leandro da Silva, Antônio Belfort Filho, Pádua Carvalho (que me presenteou com a capa e as ilustrações deste título), Èvila Lopes, Marcia Evelim, Enéas Barros, Virgínia Magalhães, Leonardo Dias, irmãos de fé.

Celestina Silva, Nilza Moraes, Lucirene Carvalho, Susana Prado, Ailma Nascimento, Kennedy Costa, Antônio Wilson Diniz Chaves, Tita Monteiro, Lucinha Ribeiro Gonçalves, Paula Bucar, Zulma Nunes, Jaira Trajano, Vera Santos, Márcia Martins, Tânia Araújo, Virgínia Lúcia Araújo, Socorro Costa, Sônia Melo e parceiros de sonhos. Nerina Castelo Branco, Homero Castelo

Branco, Valdeci Cavalcante, Nelson Nery Costa, Carlos Magno Almeida, Antonio Pedro Almeida, Joseli Magalhães, Aci Campelo, Itamar Costa, Gisleno Feitosa, Francy Monte, Deusdete Nunes (Garrincha), imortais e sempre amigos.

José Augusto Aquino, Dante Alighiere de A. Luz, Oscar Carvalho, Raimundo Dutra, Marcos Panin, José Nipp, Claudio David Stern, “Piauienses, Sim Senhor!”.

## PREFÁCIO

### ALÉM DAS PALAVRAS: manifestações da cultura oral

Raimunda Celestina Mendes da Silva  
(Universidade Estadual do Piauí – UESPI)

*Dizer Por Que Dizer* é um título que provoca certo questionamento ou inquietação. É uma escolha que faz uma afirmativa “Dizer” e ao mesmo tempo faz um questionamento sobre o porquê desse “dizer”. A capa ainda apresenta algumas pessoas conversando Blá, Blá, Blá...”; conversando? “Blá, Blá, Blá” não é conversa, na figura, é mais um aglomerado de pessoas sem se entenderem: esta é a primeira impressão que aguça a curiosidade do leitor para folhear e ler o livro em busca do que seria esse encontro de pessoas

Lisete Napoleão Medeiros brinda seus leitores com *Dizer Por Que Dizer* uma obra que transita pela literatura oral, ou seja, com histórias criadas pelo povo e contadas oralmente de geração em geração em um processo de recolha de tradições da oralidade cuja importância é grande para a reconstrução da memória de seu povo. A autora ao se preocupar em recolher textos que apresentam uma visão geral da diversidade da tradição oral, nas quais se inserem expressões e ditos populares com explicações populares do porquê das coisas, alguns ditos só para divertir, algumas histórias relacionadas aos deuses ou à criação, são narrativas orais que transportam em si mesmas, o objeto de ensinamento que se quer transmitir, por exemplo:

Larápio

Há em todo lugar espertalhões, o mundo está cheio  
[...]

Larápio foi um nome abreviado que surgiu na Roma antiga, de um cônsul chamado Lucius Amarus Rufus Apius, (L.A.R.Apius) eu tinha o péssimo hábito de se apropriar do que não era dele e quando alguém era apanhado em delito [...] o criminoso era comparado a esse trêfego romano; ou seja, era chamado carinhosamente de LARÁPIO! Ladrão. (MEDEIROS, 2018, p. 38)

O indivíduo que ouve a história está apto a compreender que os dilemas apresentados na diegese podem ter lugar na comunidade da qual ele faz parte, isto é, são problemas, inquietações ou dúvidas com as quais ele se defrontará no seu cotidiano.

A relação existente entre a pesquisadora e seus leitores é de cumplicidade, pois aquela ao registrar os textos dinamiza o processo comunicativo para aqueles que leem e sabem que as narrativas orais compõem a cultura de um povo como herança de conhecimentos transmitidos de boca em boca e que agora são fixadas em *O Que Dizer Por Que Dizer* para que não caiam no esquecimento, reforçando a sensação de pertencentes àquela cultura.

O leitor quando conhece o livro de Lisete Napoleão Medeiros sabe que se encontra diante de textos recolhidos, isto é, ele migrará do terreno da escrita para o da oralidade, implicando em uma mudança de suporte significativo para que entenda a permanência dessas expressões e ditos populares ao longo dos anos.

É importante não se esquecer que a tradição oral “grande escola da vida, ela recupera e relaciona todos os aspectos” (BÂ, 1982, p. 83), por estar ao alcance do povo, seu fundamento encontra-se na iniciação e na experiência vinculados ao cotidiano. A tradição oral remonta à origem do homem e Lisete, como boa observadora, prioriza o dizer, tem uma forma peculiar de contar uma história, ao conceber a sua produção como bem o faz em *Quem conta um conto aumenta um ponto, Estórias que ouvi e Uma estória atrás da outra*.

As narrativas seduzem pelo poder que tem a palavra de criar mundo, de transformá-lo, mesmo com a restrição feita por alguns quanto à fidelidade da fonte. Lisete sabe que os relatos que ela faz



é para um sujeito que construirá significados novos para cada leitura nos 106 pequenos textos ou quase verbetes que versam sobre curiosidades, ditos populares, reforçando o compromisso e o cuidado da estudiosa com seus leitores.

Ao trazer a público as expressões, é inegável que ela provoca o leitor no sentido de que tais expressões não caiam no esquecimento, pois no contexto em que vivemos a tendência é que se esqueça aquilo que é transmitido há anos de geração a geração.

O livro surgiu dos relatos que ela ouviu desde a infância e sua memória abstraiu desde seus primeiros dias em Floriano, a fixação da residência em Teresina e culmina com o curso de Letras que lhe deu todo suporte teórico para registrar e concretizar em livro esses saberes que vêm da cultura popular.

A escritora ciente de seu papel, transfere os relatos ouvidos para a linguagem escrita sem deixar de registrar as marcas tão peculiares do homem em várias fases de sua existência, respeitando o imaginário desse homem, assim como sua visão de mundo, as marcas linguísticas que permeiam a diversidade sociocultural da cada povo, de modo particular o nordestino, no seu grupo cultural, os quais servirão para estudo e pesquisa das futuras gerações. Santos (2015) afirma que a

alusão à memória, que se manifesta como a faculdade humana de reter o “antes”, que pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, constituindo-se em um verdadeiro depositário de lembranças, que o indivíduo recorre quando lhe é necessário. Assim, a memória constrói o indivíduo, favorecendo a capacidade de pensar, em um dinamismo articulado entre percepção de mundo e o que é criado a partir dela. (p. 13)

Aí está o compromisso da escritora em esclarecer a origem de determinadas expressões logo nos primeiros textos do livro: “Amigos, perdi o dia” e O calcanhar de Aquiles. A primeira, talvez

pela negatividade que apresenta, evoluiu, na sabedoria popular, para “ganhar o dia” quando o sujeito satisfaz-se com algo prazeroso ou pelo reconhecimento de uma ação praticada; o segundo, ela esclarece para quem não teve a oportunidade de pesquisar, qual a origem da frase “calcanhar de Aquiles” que de tão repetida entra para o vocabulário popular sem questionamentos.

São textos da Literatura oral e que se apresentam de modo diferente do falar cotidiano, quer sejam contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos que ao trazerem no bojo a palavra literatura, levantam discussões. Porém Literatura tem sua origem em littera, palavra do latim cujo significado é “letra”. Desse modo, literatura refere-se a um conjunto de saberes, ou habilidades, que se relacionam com a leitura e a escrita. Coloca-se, assim, a questão: não seria uma incoerência utilizar uma palavra que se refere à cultura da letra para designar expressões que são transmitidas oralmente?

Não, Lisete em sua obra não perde de vista que o conceito de cultura é um processo que soma conhecimentos e práticas advindas das interações conscientes nas relações entre o homem e a sociedade em um movimento em que o próprio homem transmite suas produções e manifestações, suas realizações as quais modificam e formam suas relações com o a sociedade e os seres humanos, como afirma Geertz,

a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. (1989, p. 78.)

Ainda o mesmo autor diz: “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, a cultura é uma dessas teias. A escritora assim age com o seu *Dizer Por Que Dizer*.

Lisete valoriza a cultura popular em sua obra *Dizer Por Que Dizer* com alguns textos, pois como afirma Bakhtin, ela, a cultura popular, “revela a unidade, o sentido e a natureza ideológica

profunda dessa cultura, isto é, o seu valor como concepção do mundo e o seu valor estético”. (2002, p. 50) É o que se observa, por exemplo, em

Quem não tem cão, caça com gato, p. 37

Fazer gato e sapato, p. 49

Maria vai com as outras, p. 41

Cuspido e escarrado, p. 42

Lisete rompe com o pressuposto de que “o popular é associado não ao tradicional, mas ao subalterno”, quando privilegia histórias advindas de todas as classes sociais. Ela trata o tradicional visualizando-o a partir do folclore, que ela tão bem conhece e transita; associado à tradição, à criatividade das comunidades. Alguns textos como “Bicho de sete cabeças” e “Lágrimas de crocodilo” comprovam o comentário.

Com isto, afirma-se o papel da pesquisadora consciente, ao colocar textos da cultura popular em relação com outras culturas, principalmente a dominante. As palavras de Cuche contribuem para a discussão; para ele,

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomos, nem pura criação. Por isso, eles confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos. Como qualquer cultura, elas não são homogêneas sem ser, por esta razão, incoerentes. (CUCHE, 2002, p. 149)

Observando esses elementos, conclui-se que Lisete não possui uma visão ultrapassada ou preconceituosa, não vê o popular como o excluído, como aquele que não consegue ser reconhecido e conservado, porém ao trazer à tona estes textos, rompe as barreiras do tempo ou como afirma Chauí:

A cultura popular pode ser posta como guardiã das tradições. [...]a temporalidade da história ressinga na continuidade temporal da cultura [...] o passado preservado pela cultura popular é o futuro garantido pela cultura instruída. (1994, p. 120)

Observa-se ao longo do livro como a linguagem é trabalhada tanto no registro formal como no coloquial; a primeira, é a voz da autora; a outra, se faz porta-voz dos falantes que representam o povo. Assim, Lisete deu autenticidade à língua, principalmente na modalidade oral, munida de consciência política em retratar fielmente os costumes, nas metáforas oriundas de textos como “Farinha do mesmo saco” (p. 47), metáfora que faz alusão ao fato de que farinha de boa qualidade ser colocada em diferentes sacos para não se confundir com as de qualidade inferior, ou seja, tal assertiva serve também para o homem ou como ela mesma afirma: “os bons andam com os bons” e “os maus preferem os maus”.

Reconhece-se, dessa forma, o caráter dialógico da linguagem e o uso que dela se faz, sobretudo para o entendimento e a compreensão de *Dizer Por Que Dizer*. A autora para ampliar as perspectivas do texto, inter-relaciona literatura a partir do foco cultural em uma concepção comunicacional, escondendo sob a aparência de simplicidade, toda a complexidade do fazer humano: os textos transitam pelo latim, por autores gregos, latinos, expressões de literatura portuguesa, da cultura popular.

A metáfora é uma figura de linguagem em destaque em alguns textos, pois este recurso concede precisão que a linguagem objetiva, denotativa não fornece, lembrando o leitor de que ele constituirá os sentidos dos textos com o modo como este se encontra construído linguisticamente, dos sinais que ele oferece, pela mobilização do contexto relevante para a interpretação, por exemplo, em “Das coisas da casa cuida a mulher”, (p. 33), em momentos de empoderamento das mulheres, à primeira leitura, parece um texto preconceituoso, mas ao ler-se, percebe-se que a autora traz à tona a origem da frase, que foi em Paris.

Vale ressaltar que a construção de sentidos dos textos de Lisete Napoleão Medeiros ligar-se-á sempre ao modo de construção linguística, das sinalizações que ele oferece, às vezes, recorre-se à dicionário de mitologia, de símbolos; assim como pela mobilização do contexto expressivo à interpretação. Acredita-se que essas reflexões sobre a linguagem propiciarão e ampliarão a compreensão e circulação da obra em análise.

As imagens fornecem, junto aos textos, mais um elemento enriquecedor da obra *Dizer Por Que Dizer*. Lisete usa as palavras e as imagens para entender, descrever e definir o mundo da forma que ela o vê. Não se pode esquecer que tanto a linguagem verbal e as artes visuais são sistemas comunicativos regidos e organizados por regras e convenções próprias.

Signo verbal e signo visual mantêm uma relação que busca a significação definida no conceito de texto, isto é, este se define entre os planos do conteúdo e da expressão. Percebe-se uma verdadeira simbiose entre Lisete e Pádua Carvalho; Lisete diz, escreve; Pádua traduz o dizer em forma de linguagem não verbal desde a capa do livro e os desenhos que refletem a plasticidade das palavras que povoarão o imaginário do leitor.

Lisete também é pintora, mas ao delegar a outrem a tarefa de criar a capa e as imagens que comporão o livro, ela busca em outro artista um novo olhar, o espírito inovador e criador de Pádua para elaborar os elementos pictóricos relativos aos textos da obra em foco, pois:

A imagem apresenta uma capacidade de funcionar como um meio (ou um media) que daria suporte a um processo de significação artística e, mais ainda, articulada à linguagem, ambos empreenderiam uma interface, um entrelaçamento, que convoca nossa percepção e nossos sentidos. Cada imagem, uma estação. Cada estação, uma imagem a ser sentida/vista/imaginada. (PEDROSO JÚNIOR, 2009, p. 66)

Os leitores de *Dizer Por Que Dizer* sentirão, verão e imaginarão os dois textos: o escrito (letras) e o desenho e deles retirarão os significados por meio das sensações e da afetividade que os textos suscitarão, pois estarão diante de duas narrativas que se complementam e se completam.

Espera-se que os textos aqui colhidos pela escritora sobre vários temas e provenientes de vozes que rompem o tempo e o espaço, recuperam a história mantida pela memória de várias comunidades no afã de assegurar o patrimônio cultural imaterial de um povo; como afirma Santos: “Uma história contada é sempre uma nova história” e isso contribui para as narrativas não cessarem.

Afinal, a função do contador de histórias, é sempre contá-las. Boa leitura a todos e espera-se da escritora que sempre brinde e surpreenda seus espectadores com novas e estimulantes obras.

## REFERÊNCIAS

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord). **História Geral da África: I. Metodologia e pré-história da África.** São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982,

BAKHTIN, M. A. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: UCITEC, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUCHE, D. A. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

SANTOS, Silvana Maria Lima dos. **Oralidade e memória: a voz na fazenda de Paulicéia.** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí. Teresina. P. 116.

PEDROSA JÚNIOR, Neurivaldo Campos. **Literatura e Pintura: correspondência interartística em Passeio ao farol, de Virginia Woolf.** 2009. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. P 216.

# UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Herculano Moraes

Reconhecidamente a mais atuante pesquisadora do folclore, das lendas e dos costumes regionais, Lisete Napoleão Medeiros reaparece no cenário editorial com este “Dizer Por que Dizer”, em que define e explica os ditos populares de forma compreensiva e com o sabor de sua divertida forma de narrar.

Ao explicar a origem e significado de cada frase ou dito popular, não descuida do fato histórico e social e sua repercussão no imaginário, dosando a escrita de bem humorada verve.

Consagrada por sua atuante participação nos movimentos acadêmicos, nos eventos socioculturais e nos debates sobre cultura, eclética na promoção de suas vontades e no enfrentamento de desafios. Lisete Napoleão Medeiros pertence a inúmeras instituições de cultura, às quais empresta a alegria e o vigor de sua capacidade criativa. Se duvidar, não recua diante dos mais inusitados desafios, como, por exemplo, colocar seu nome na disputa eleitoral para a Assembleia Legislativa.

Revela-se audaciosa e corajosa, ao enfrentar problemas de toda natureza. Não apenas de ordem familiar, mas de outros matizes, “pois um filho teu não foge à luta”, costuma dizer.

Não tenho dúvida, em reafirmar que o Piauí deve a Lisete Napoleão Medeiros, a retomada do resgate de suas lendas, como fizeram João Ferry, Fontes Ibiapina, Noé Mendes, Buggy Brito.

Enquanto existirem pesquisadores responsáveis e comprometidos com a nossa cultura social, como Lisete Napoleão, o Piauí permanecerá atento aos valores de sua formação sociopolítica e cultural.

Herculano Moraes: jornalista e escritor. Titular da Academia Piauiense de Letras, de quem era Secretário

## PRÓLOGO

Em “Estórias que Ouvi”, “Uma Estória Atrás da Outra”, “Zamba”, “Um Brinde à Vida” e também em conversas com sábios interioranos ou urbanos letrados, registrei Ditos Populares e Expressões de determinadas regiões, principalmente no meu Piauí, que são autênticos recursos de linguagem, verdadeiras metáforas, que se recorre para melhor se fazer entender; principalmente entre populares, esta minha gente que admiro e me firmo bem inserida no contexto deles.

Entretanto, essas origens e significados nem sempre são bem conhecidos e na sua maioria se perderam no tempo, e/ou até se modificam na adequação desses termos quando utilizados por cada região e momento, reforçando a máxima de que “Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto”!

Nesta edição há uma ousada pretensão de esclarecer de forma simples, mas bem objetiva o significado e origem de algumas expressões e ditos populares; espero assim, contribuir e elastecer mais ainda o vernáculo de quem se permitir ler, principalmente o de meu povo, o meu “Piauiense, Sim, Senhor”, de amor eterno.

Boa leitura e Obrigada.  
Lisete Napoleão.



## AMIGOS PERDI O DIA

Rotineiramente, após o cair do sol, o imperador Tito Flávio Vespasiano fazia uma reflexão a respeito dos atos praticados. Raros foram os momentos em que teve de exclamar a frase supracitada ao final de cada entardecer, em que não pudera cumprir seu propósito de praticar diariamente uma boa ação.

Cumpre-nos lembrar, contudo, que foi ele o responsável pela discórdia entre romanos e hebreus, o que gerou uma guerra sangrenta, culminando na destruição do templo de Jerusalém.

Deste templo, resta hoje apenas uma vaga lembrança do grande paredão que foi demolido e antes conhecido mundialmente como “Muro das lamentações”, local onde os judeus costumavam fazer diariamente e pontualmente suas orações.

Com o passar dos tempos, a sabedoria popular criou a frase inversa: “Ganhar o dia”, que é exclamada na proporção em que sentimos satisfação por algum fato ocorrido ou por reconhecimento de ações por nós praticados.

## O CALCANHAR DE AQUILES

A frase, “O Calcanhar de Aquiles”, tem a sua origem no berço da erudição histórica, precisamente da remota época dos Helenos.

Segundo a lenda, quando nasceu Aquiles, a mãe, Tétis; uma divindade marinha, esposa de Peleu, mergulhou-o nas águas do Egito, para torná-lo imortal, e assim, contrariar um oráculo que predizia a morte do guerreiro na sangrenta guerra de Troia.

Acontece que ao mergulhar Aquiles nas águas do rio Nilo, de cabeça para baixo, Tétis o segurou pelo calcanhar, que sem receber o poder encantado, ficou vulnerável e causou a sua morte quando, na batalha foi atingido e ferido mortalmente, nesse local, por uma flecha disparada por Paris, seu inimigo maior.

O significado empírico de “O Calcanhar de Aquiles”, repetida por milhares de pessoas, passou a ser aplicado na vida diária, nos emitindo a indicação do lado frágil de qualquer pessoa; como Aquiles e independente de sexo, estado civil, cor, credo, ou posição social, cada um de nós, também tem seu calcanhar de Aquiles predisposto à vulnerabilidade.

## QUEM VAI PÔR O GUIZO NO PESCOÇO DO GATO?

A frase interrogativa: “Quem vai pôr o guizo no pescoço do gato” surgiu de uma fábula criada pelo francês Jean de La Fontaine, mundialmente conhecida; que diz respeito a uma reunião em que os ratos numa assembleia questionavam a possibilidade de pôr no pescoço do gato um guizo, com a finalidade de perceberem, através do barulho dos guizos, a aproximação do inimigo.

Assim, prevenidos a tempo, poderiam fugir do ataque fatal. O plano é endossado por todos e considerado perfeito!

Meio à euforia, um rato velho, matreiro, respaldado no saber e na voz da consciência, questionou o grupo com a tão famosa e supracitada frase, dando conta de que é mais fácil falar do que fazer e que, às vezes, a distância entre Falar e Fazer é intransponível.

## O VOTO DE MINERVA

Minerva é o nome com que os romanos batizaram a deusa grega da sabedoria, Atena. Voto pode ser o modo de manifestar a opinião em um pleito eleitoral ou em uma assembleia; sufrágio; decisão; parecer.

Na peça Eumênides de Esquilos, o primeiro dos grandes Clássicos da Grécia, vive-se uma tragédia em que Clitemnestra, coadjuvada pelo amante Egisto, assassina o marido, Agamênon e o filho deste, Orestes, mata os dois para lavar a honra do pai, ao tempo em que saboreia o gosto da vingança e, desde então é perseguido pelas implacáveis fúrias, três monstruosas divindades aladas que puniam os criminosos.

Para acabar com tal sina e julgar o crime condignamente, Atena constitui um tribunal na época cognominado Areópago. Entretanto, o célebre acontecimento provocou a ira dos deuses, dividindo-os; conseqüentemente, o julgamento terminou empatado. A deusa da sabedoria decidiu pela absolvição de Orestes.

A tragédia grega de Esquilos levou o mito muito além das fronteiras da sua instância, consagrando-se posteriormente com a elaboração e a consolidação da jurisprudência romana. Atena virou Minerva e a tradição do voto de desempate, dado pelo presidente de um conselho, tribunal ou assembleia, passou para outras civilizações, respaldando a sabedoria de quem postula tal cargo.

## QUEM NÃO ESTÁ COMIGO ESTÁ CONTRA MIM

Mais uma vez foi encontrado nos escritos sagrados, precisamente no Evangelho segundo São Mateus, Capítulo 12, versículo 30, o primeiro registro da frase acima.

“Aquele que não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha.”... Ou ainda, como pode alguém entrar na casa do homem forte e roubar-lhe todos os bens sem primeiro amarrá-lo? Só depois disso será possível saquear a sua casa. (30) Quem não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não colhe, espalha.

Uma frase bem colocada e de precaução; implica dizer: manter inimigo afastado, ainda que se diga amigo. Pois, o pior inimigo é aquele em quem confiamos.

## O AMOR É MAIS FORTE DO QUE A MORTE

Não restam dúvidas de que há várias maneiras de amar e todas valem a pena. Entretanto, o amor mais forte do que a morte, do qual nos fala o rei Salomão é o amor recíproco entre pessoas que se respeitam, se consideram, harmonicamente numa sintonia perfeita, em que as forças dos campos energéticos se atraem e se fundem, passando a ser uma só potência.

E mesmo após a transição terrena, continuarão a vibrar na mesma frequência, constituindo-se numa eterna e maravilhosa sintonia, comparada somente ao dedilhar das sinfonias das liras dos anjos.

Rei Salomão deixa esta expressão de significado profundo que foi aos poucos sendo inserida nos ditos populares; segundo a qual só os que amam com profundidade e sentem no âmago a veracidade de um grande amor, podem afirmar veementemente:

“O AMOR É MAIS FORTE DO QUE A MORTE”.

## DAS COISAS DA CASA CUIDE A MULHER

A frase acima nos repassa a ideia de que só os trabalhos domésticos são incumbência feminina. Ela tem origem antiga e foi Guilherme BUDÉ, em Paris, que a pronunciou quando estava nos estudos etimológicos, trancado no seu escritório e foi interrompido por um criado com a notícia de que a sua casa pegava fogo.

Sem nem sequer levantar os olhos dos manuscritos gregos, BUDÉ pronunciou a frase mencionada, configurando um pensamento machista e predominante na sociedade da época.

Os anos do pós-guerra colocaram o sexo feminino, até então considerado frágil, sobre um novo prisma; e hoje a mulher ocupa todos os espaços de maneira digna, competente, equilibrando razão e emoção, lado a lado do sexo oposto, derrubando o estigma que foi criado em torno de si, reivindicando o seu lugar ao sol, desde uma vez, que o astro rei nasceu para todos, indistintamente.

## ENTRAR COM PÉ DIREITO

Quanto de nós não já ouviu ou expressou o teor da frase: “Entrar com o pé direito” como sinônimo de boa sorte?

Estamos cada vez mais propensos a fazer qualquer “negócio” para evitar os maus agouros. Tanto é que já viramos o milênio e ainda utilizamos com praticidade esta frase cheia de superstição que o império romano tornou público nas festas da Roma antiga, através das personalidades convidadas, quando lhes designou a obrigatoriedade de só adentrarem aos nobres salões palacianos com o pé direito.

Tal atitude tinha como finalidade, neutralizar a carga de energia negativa que pudesse vir a ser portador o visitante. Supunha o Imperador da época, que esta era a melhor maneira de evitar o mau agouro, o azar e as derrotas.

## SEM EIRA SEM BEIRA NEM TRIBEIRA

A expressão “Sem Eira nem Beira”, surgiu da boca do povo, quando ainda no tempo da “Santa Inquisição” o povão queria fazer referência a quem não tinha origens, riquezas e poder.

Isto porque, naquela época, era costume das pessoas abastadas, terem suas residências construídas com EIRA e os com mais posses de moeda de ouro, colocavam EIRA e BEIRA (Aba de telhado mais avantajado ainda e dobrado) chegando os mais arrojados, os que gostavam de ostentar a força do dinheiro com mais transparência, ter nos seus telhados a EIRA, BEIRA e TRIBEIRA.

Com o passar do tempo, a expressão somou-se ao nosso cotidiano, tomando um significado lato, nos repassando a ideia de que aquele ou aquilo que é “Sem EIRA nem BEIRA” é porque não tem começo nem fim; é sem lógica, senão nos leva a aludir às pessoas que não têm recursos, nome, tradição ou coisa parecida.

## AGORA É TARDE, INÊS É MORTA

“Agora é tarde, Inês é morta” é um desabafo e constatação da tragédia que se iniciou quando D. Pedro I, filho de Afonso II, casou-se aos vinte anos com D. Constança, e entre as damas de companhia de D. Constança estava Inês de Castro, por quem D. Pedro logo se apaixonou, passando a viver com ela um amor clandestino; mas seu pai, que então reinava, interpõe-se.

Com o falecimento de D. Constança, passaram a viver livremente, assumindo em público o romance que se tornou um problema de Estado. O rei convencido por seus conselheiros permitiu o bárbaro assassinato de Inês.

Enfurecido de dor, infeliz, indignado, D. Pedro I quando já erguido ao trono, sabendo da tragédia ocorrida a sua idolatrada aos prantos diz aos súditos: “AGORA É TARDE, INÊS È MORTA”; mesmo assim, manda resgatar o féretro e expõe os restos mortais de sua Inês de Castro, vestida como rainha e ordena na condição de Rei, que toda corte faça fila para reverenciar e cortejar o esqueleto majestoso, sentado ao trono.

Inês de Castro ficou conhecida na Literatura como aquela que foi Rainha, mesmo depois de morta.

## CUSTAR OS OLHOS DA CARA

“Custar os olhos da cara” é uma frase que vem sendo utilizada desde 254 – 184 a.C aos dias atuais. A expressão nasceu da perversidade praticada aos governantes depostos, aos adversários ou inimigos que poderiam ameaçar a estabilidade dos ocupantes do poder.

A forma de combate era arrancar os olhos dos opositores para que, impotentes deixassem de representar uma ameaça aos poderosos.

A história dessa frase nos leva a enveredar no caminho da valorização, da exaltação à visão. Os olhos são, na realidade, um dos órgãos dos sentidos mais importantes, notadamente para o desenvolvimento das nossas atividades motoras. Por isso, pagar o tributo de perdê-los passou a ser sinônimo de custos excessivos. Custos, praticamente, impagáveis.

## LARÁPIO

Há em todo lugar espertalhões; o mundo está cheio deles, inclusive aqui no Brasil, impunes, zombam da justiça e até nos representam lá no Planalto Central.

Larápio foi um nome abreviado que surgiu na Roma Antiga, de um cônsul chamado Lucius Amarus Rufus Apius, (L.A.R.Apius) que tinha o péssimo hábito de se apropriar do que não era dele e quando alguém era apanhado em delito de apropriação indébita, o criminoso era comparado a esse trêfego romano; ou seja, era chamado carinhosamente de LARÁPIO! Ladrão!

## OS QUATRO VENTOS

É conhecida a expressão “Proclamar aos Quatro Ventos”, entretanto, pouco se ventila sobre os nomes dos ventos. O minuano, por exemplo, é um vento gaúcho. A Volkswagen escolheu quatro nomes dos ventos, para batizar alguns de seus modelos:

Bora sopra na Dalmácia, no mar Adriático, perto de Veneza; Santana bafeja as montanhas de Santa Ana, na Califórnia; Passat é um vento alíseo que cruza a Europa na direção Leste-Oeste;

Scirocco, quente e seco, carregado de pó, sopra no norte da África através do Mediterrâneo e atinge a Sicília, na Itália, e Malta. Com exceção do último que não circula no Brasil, os ventos rodam pelo mundo protegidos pela chancela da VW.



## VELCRO

O engenheiro suíço George de Mestral tinha o hábito de caminhar no bosque e ficava irritado ao encontrar carrapichos grudados em suas roupas. Buscou então descobrir como eles conseguiam prender-se tanto e sem nada aparentemente adesivo.

Descobriu que as patas dos carrapichos tinham no terminal pequenos ganchos que se prendiam a qualquer pelo. Assim surgiu o velcro, combinação de velours, veludo, e crochet, gancho.

## BAFO DE ONÇA

O bicho onça é um animal carnívoro que se lambuza bastante na hora de comer a caça. Por esta razão, tem um mal cheiro terrível, fede muito e sua presença é detectada à distância na mata. Assim, pessoas que possuem o hálito fétido passaram a ser chamadas de “bafo de onça”. A expressão também faz referência ao hálito de quem está (ou esteve) alcoolizado.

## SANTINHA DO PAU OCO

A expressão se refere a pessoas que se fazem de boazinha, mas não o são. Geralmente, alude-se à pessoa sonsa que na frente mostra uma coisa e por trás é outra.

No século 18 e 19, os contrabandistas de ouro em pó, moedas e pedras preciosas utilizavam estátuas de santos ocas para roubarem o Brasil. O santo de madeira era “recheado” com preciosidades roubadas e enviadas para Portugal.

Provavelmente, toda Europa era beneficiada com as nossas riquezas naturais e um dos subterfúgios utilizados era este: o envio de ouro, prata, esmeraldas, diamantes, rubis dentre outras pedras, escondidas dentro da imaculada imagem dos falsos santos de pau ocos.

## Sem EIRA nem BEIRA

Significa também pessoas sem bens, sem posses. Eira é um terreno de terra batida ou cimento onde grãos ficam ao ar livre para secar. Beira é a beirada da eira. Quando uma eira não tem beira, o vento leva os grãos e o proprietário fica sem nada.

## LUA DE MEL

A expressão vem do inglês Honeymoon (lua de mel). Na Irlanda, na Idade Média, os jovens recém-casados tinham como hábito ingerir uma bebida fermentada chamada mead- ou hidromel (água com mel).

Na verdade era um composto de água, mel, malte, levedo entre outros componentes e o mel considerado fonte de vida também passou a ser visto como afrodisíaco; os outros compostos também tinham sua contribuição estimulante e a bebida deveria ser consumida durante um mês (ou uma lua).

Por esta razão esse período passou a ser chamado de “Lua de Mel”.

## CASA DE MÃE JOANA

A expressão “Casa de Mãe Joana” é um local em que se pode tudo, e todos podem entrar, mandar, abusar. Não há regras definidas.

A famosa mulher que deu nome a tal casa viveu no Século XIV. A polemica Joana era condessa de Provença e Rainha de Nápoles (Itália). Teve uma vida atribulada e cheia de confusões, em que fez questão, na sua excentricidade, de mudar regras e quebrar convenções; foi feminista á sua época.

Em 1347, aos 21 anos, regulamentou os bordéis da cidade de Avignon, onde vivia refugiada. Uma das normas dizia: “o lugar terá uma porta por onde todos possam entrar”.

Casa de mãe Joana virou sinônimo de prostíbulo, também de lugar sem organização; de lugar onde impera a bagunça, a desordem.

## CHEGAR DE MÃOS ABANANDO

A origem mais aceita para a já referida expressão está relacionada com imigrantes que chegavam ao Brasil no século XIX. Eles costumavam trazer da Europa suas ferramentas para cultivo da terra, como enxadas, foices, além de animais, como vacas e porcos.

Uma ferramenta poderia já indicar uma profissão, uma habilidade que demonstrava disposição para o trabalho. O contrário, chegar de mãos abanando, indicava preguiça.

Atualmente, quando uma pessoa vai convidada para uma festa ou marca para visitar alguém, mandam os bons modos que leve um presente. Se não o faz, diz-se que “chegou com as mãos abanando”.

## PENSANDO NA MORTE DA BEZERRA

A história mais aceitável para explicar a origem da expressão citada é proveniente das tradições hebraicas, em que os bezerros eram sacrificados para Deus como forma de redenção de pecados.

Conta-se que certa vez um rei resolveu sacrificar uma bezerra e que seu filho menor, que tinha grande carinho pelo animal, opôs-se.

Independentemente disso, a bezerra foi oferecida aos céus e afirma-se que o garoto passou o resto de sua vida pensando na morte da bezerra. Assim, estar “pensando na morte da bezerra” significa estar distante, pensativo, alheio a tudo.

## FARINHA DO MESMO SACO

“Homines sunt ejusdem farinae” traduz-se: são homens da mesma farinha, em latim; origem dessa expressão, utilizada para generalizar um comportamento reprovável.

A metáfora faz referência ao fato da farinha de boa qualidade ser posta em sacos separados, para não ser confundida com a de qualidade inferior.

Assim, utilizar a expressão “farinha do mesmo saco” é insinuar que os bons andam com os bons, enquanto os maus preferem os maus.

## DOR DE COTOVELO

Ter dor de cotovelo significa ter inveja. A origem da expressão está associada também á cotovelada, que passou a ser utilizada como sinal para chamar atenção de alguém de forma “discreta”, sobre algo que se pretendia censurar ou ridicularizar.

Assim, tocava-se com o cotovelo em outra pessoa para ela reparar naquilo. Muitas vezes essa censura resultava da inveja e se alguém dava muitas cotoveladas era natural que lhe doesse o cotovelo.

Na contemporaneidade é comum utilizar a expressão para designar o despeito provocado pelo ciúme ou a tristeza causada por uma decepção amorosa.

## QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA COM GATO

O certo é “Quem não tem cão caça como gato”. Quando não se pode lutar abertamente, melhor usar a astúcia, como faz o gato. Sonso, o bicho ameaça, recua, avança, regateia até abocanhar o pobre ratinho. Não é a lei do mais forte e sim a do mais esperto.

## XARÁ

A palavra Xará vem do tupi sarara que significa justamente meu nome, designando a pessoa que tem o nome igual o de outra. Muitas vezes uma coincidência não tão feliz, em certas ocasiões que digam os Josés da Silva, Joões, Antonios, Franciscos e Marias destes brasis na hora de fazer cadastros.

Lisete Napoleão Medeiros (filha) é xará de Lisete Napoleão Medeiros (mãe).

## FICAR A VER NAVIOS

Conforme a Literatura Portuguesa, o rei, D. Sebastião nunca retornou da terrível batalha em Alcacer-Quiber em agosto de 1578. O sumiço do monarca deu origem ao Sebastianismo, uma corrente baseada na crença que o rei não morreu; se encantara e um dia voltaria a Portugal.

Durante muito tempo era comum no cais de Lisboa, crédulos ficarem a ver navios retornando, na esperança do regresso do lendário monarca.

E assim, quando se quer fazer alusão a uma desesperança; uma espera sem fim, uma decepção ou frustração, usa-se a famosa expressão supracitada.

## FAZER NAS COXAS

Antigamente as telhas que cobriam as casas dos mais abastados eram feitas de barro e eram moldadas nas coxas dos escravos que por sua vez eram de estatura, peso e largura diferenciada.

Conseqüentemente, o telhado ficava incerto e cheio de deformidade. Daí, a referência quando se quer dizer que tal coisa esta mal feita, sem simetria ou foi feita as pressas.

## CAIR NOS BRAÇOS DE MORFEU

Ao contrário do que muitos pensam Morfeu era o deus grego criador dos sonhos; o deus do sono era na verdade, seu pai Hipnos; este sim, até hoje conduz ao sono profundo, como no caso das hipnoses.

Quando se está quase adormecido, cansado e predisposto a mergulhar nos sonhos; se deixando embalar pelas fantasias que levam à intensa sonolência e relaxamento gratificante, que induz aliviar até dores, quer sejam materiais ou espirituais, diz-se ir cair nos braços de Morfeu.

## SAIR À FRANCESA

Quando se sai de conferência, reunião, festa ou qualquer outro local que se é convidado, sem se fazer notar, sem a delicadeza da despedida, sem alarde, diz-se que tal tipo de saída silenciosa, despercebida é à moda francesa; devido o hábito francês de sair sem avisar; pressupostamente porque há intenção de retorno e nem sempre configura falta de cortesia.

A famosa frase equivale também ao nosso popular “Sair de fininho”, “Sair de mansinho” ou ainda ao nosso “Tirar o time de Campo”.

## FAZER GATO E SAPATO

O termo acima vem de uma brincadeira infantil tipo “cabra-cega”, em que a criança de olhos vendados, representando o gato, leva sapatadas das outras crianças até que consiga agarrar uma delas; desta forma, a expressão traduz o modo agressivo, humilhante, submisso nas ações adultas também.

## PRESENTE DE GREGO

A origem da expressão “Presente de Grego” emite a engodo, a falsa sedução, a traição. Páris, filho do Rei Priamo, da cidade de Troia, se apaixona por Helena que era esposa do Rei de Esparta e a leva para seus domínios. Numa investida de pseudo acordo, os gregos enviam aos troianos um Cavalo de madeira, e eles abrem os portões, recebem o presente dos gregos para selar acordo de paz. Na calada da noite, os soldados escondidos dentro do enorme cavalo, saem em combate e de forma impiedosa fazem uma devasta na cidade de Troia, vingando assim o rei Menelau.

Reza ainda a lenda que foi nessa mesma batalha sangrenta que Aquiles fora abatido com uma flecha no calcanhar, após o deus Apolo revelar a Páris o ponto vulnerável do semideus Aquiles.



## MARIA VAI COM AS OUTRAS

Muitos preferem seguir passivamente um líder, uns por comodidade, ignorância ou coisas parecidas; outros por conveniência própria ou imposta.

Quando se quer dizer que a pessoa não tem opinião própria, que segue outros de forma alienada; se deixando convencer com facilidade ou barganha; e às vezes, até sem argumentação, se lança mão desta expressão: “Maria vai com as outras”.

Dizem que D. Maria I, mãe de D. João VI de Portugal, um dia acordou insana e declarada incapaz foi afastada do trono. As poucas vezes que saía para pegar sol numa caminhada a pé era escoltada por suas damas de companhia e quando o povo via sua rainha passeando com seu cortejo comentavam: Lá vai “Maria com as outras”.

## ESTAR NA PINDAÍBA

No atual momento de crise econômica a expressão citada, embora antiga, passa a ser contemporânea; pois a instabilidade financeira, a falta de emprego atinge uma camada representativa da sociedade.

Entretanto, nos resta o alento da esperança, a primeira que nasce e a última que morre em nós brasileiros em todos os sentidos. Pindayba uma planta do Tupi, (pinda quer dizer anzol e Yba significa vara) e como a origem do nome sugere, os índios ao usarem a vara para pescar e não obtendo êxito, retornavam tristes para casa levando na mão apenas a “pindaiba” em vez de peixes. Estar na “Pindaiba” quer dizer estar com contas penduradas, estar sem recurso, sem nada, momentaneamente.

## METER MÃO EM CUMBUCA

Cumbuca vem do Tupi cuiambuca e significa um vaso estreito e alongado que os índios utilizavam para pegar filhotes de macacos.

Os índios armavam a arapuca colocando dentro do vaso uma banana, comida preferível desta espécie, que ávidos da degustação enfiavam a mão dentro da cumbuca e assim ficavam presos e reféns dos índios; o que não acontecia com os macacos mais velhos que através de “ensaios e erros” já sabiam daquela armação.

Tal expressão passou a ser sinônimo de esperteza, aprendizado, experiência, maturidade.

## CUSPIDO E ESCARRADO

A citada expressão é usada quando se pretende designar certa semelhança entre pessoas; entretanto, diferente do dito popular, a frase original “Esculpido em Carrara” faz alusão á qualidade e perfeição das famosas esculturas de Michelangelo, que pressupostamente foram todas trabalhadas com mármore extraído da região italiana de Carrara.

## PARA INGLÊS VER

Expressão do tempo do Império quando a capital do Brasil era Salvador e receberam Dom João VI de Portugal numa efusiva recepção, mostrando aos ingleses, na época aliados, como nós brasileiros éramos hospitaleiros.

Já tínhamos também a repressão ao tráfico de escravos e cabia ao Brasil patrulhar sua costa; mas a prática deste ilícito prosseguia e o governo para variar, fazia vista grossa. O patrulhamento era só mesmo “Para Inglês ver”, de fato e de direito não existia patrulhamento, esta é a verdade.

## BOI DE PIRANHA

O bicho homem sempre fez suas desumanidades, principalmente em relação ao abate de bois. O chamado boi de piranha é caso típico e bem representativo dessas maldades.

Antigamente quando as manadas precisavam atravessar um rio ou lago qualquer, geralmente cheios do peixe piranha, o vaqueiro procurava colocar como isca, ou seja, o primeiro da fila, exatamente o boi mais fraco, mais magro, menor, frágil, pois enquanto as afiadas piranhas se ocupavam em degustar o boi indefeso, designado a elas, os outros fortes e robustos atravessavam o rio sem maiores problemas.

A expressão passou a ser usada também para designar pessoas que de certa forma são apontadas para salvar a pele de outra; também chamadas de “laranja”.

## BICHO DE SETE CABEÇAS

Matar o “Bicho de Sete Cabeças” era um dos dozes trabalhos de Hércules, o semideus filho de Zeus com Hera; tal bicho na mitologia Greco-romana era o monstro chamado Hidra de Lerna, uma serpente com sete cabeças que renasciam maiores e mais fortes ao serem decepadas.

Na versão popular fazer “bicho de sete cabeças” de alguma coisa ou fato é atribuir certo exagero; é ampliar a dificuldade de qualquer coisa ou fato considerado e visto como de fácil solução apesar da aparência insolúvel.

## O QUINTO DOS INFERNOS

A expressão Quinto dos Infernos surgiu na Idade Média quando a Igreja definiu quatro tipos de infernos: purificação final, o limbo, o purgatório, o inferno propriamente dito e o quinto dos infernos passou a ser visto e dito pelos brasileiros quando os colonizadores levavam para Portugal a quinta parte de todo ouro que extraíam no Brasil.

## PUXA SACO

O termo puxar saco tem origem militar e nos remonta a longínqua época em que os oficiais, principalmente em viagens, levavam suas roupas, suas fardas impecáveis acomodadas em sacos e para transporte das mesmas era designado um militar de menor patente, menor na hierarquia para guardar, levar, puxar o saco; daí caiu na boca do povo e no popular passou a ter função de bajular, adular, cortejar.

## CARIOCA

Após o descobrimento do Brasil já em 1503 chegou a expedição de Américo Vespúcio e dela participava Gonçalo Coelho, um português de renome, que foi se instalar no Rio de Janeiro e às margens do rio Maracanã fez sua morada; uma construção com formato quadrado, uma arquitetura completamente diferente das habitações indígenas que eram as ocas, redondas, circulares; desde então passaram a denominar o lugar de casa de branco; em Tupi: Carioca (cari = branco e oca = casa).

## LÉ COM LÉ, CRÉ COM CRÉ

É comum ouvirem-se pessoas de meia idade dizerem com certo ar de sabedoria: Lé com lé, Cré com cré; como abreviação de Leigos com leigos, Clérigos com clérigos.

É um dito popular que induz entender que cada um deve buscar seu par, seu igual, semelhante e de nível que possa manter o diálogo, o entendimento; levando assim o discurso ao mesmo patamar, gerando inclusive interesses comuns.

## DO ARCO DA VELHA

A frase acima nos remonta a coisa fora de moda, antiga, absurda e tem origem no Antigo Testamento; arco da velha é o arco-íris e foi o sinal do pacto que Deus fez com Noé.

Arco da Velha é simplificação de Arco da lei Velha, uma referência à lei divina.

Existem outras explicações folclóricas, como a existência de uma velha no fim do arco-íris, guardiã do pote de ouro ali fincado.

## DOSE DE ELEFANTE

Normalmente quando queremos nos referir à quantidade excessiva, lançamos mão deste recurso estilístico; talvez por ser o elefante um animal enorme e forte, pressupostamente necessitando de doses avantajadas de medicamentos para que possa surtir o efeito previsto com a aplicação de remédio.

No popular, “Dose para Elefante”, significa exagero na aplicação de qualquer coisa desagradável ou aquilo que se tornou desagradável com o exagero.

## LÁGRIMAS DE CROCODILO

Sabemos que a lágrima é uma das expressões de sentimentos, quer sejam alegres ou tristes; embora exprima com mais frequência a expressão da dor, da saudade, dos lamentos. Os poetas até dizem que o choro acontece quando a alma transborda os sentimentos.

O choro a que nos referimos e faz parte dos ditos populares são lágrimas falsas; porque é um choro involuntário e desprovido de sentimentos; pois o crocodilo ao devorar sua presa aciona um mecanismo que faz com que sua mandíbula comprima as glândulas lacrimais, o fazendo lacrimejar, parecendo assim chorar de pesar pela degustação e maldade que faz com sua vítima fatal.

## MEMÓRIA DE ELEFANTE

O elefante é um dos animais que fixa e apreende tudo na memória, além de ter aquela aparência gigante. Dizer que tem memória de elefante significa dizer que se lembra de tudo e nos mínimos detalhes; implica também dizer que tem um HD no cérebro e que todas as informações do passado e do presente estão ali armazenadas e sempre que se faz necessário é só abrir o chip e se buscar na íntegra a informação desejada.

## ANDAR À TOA

Quando digo que estou à toa é porque estou sem rumo, sem destino.

Toa é a corda com que uma embarcação reboca a outra; e com este sentido de nortear, conduzir e se deixar levar, surgiu “Andar à Toa”. Termo muito usado nas grandes navegações europeias.

## DOR DE COTOVELO

A expressão acima pode significar também tristeza, decepção, frustração, traição, inveja, depressão moral, outros.

Há quem diga que a “Dor de Cotovelo” surgiu nos botequins da vida, local onde os apaixonados afogam suas mágoas e atestam seus amores; geralmente apoiando o rosto com as mãos e cotovelos postos ao balcão ou mesa de bar, numa demonstração de desleixo, de abandono, reflexão ou coisa parecida.

## QUEM NÃO TEM CÃO CAÇA como GATO

O Cão é tido como melhor amigo do homem; também é considerado um bom farejador e um dos melhores companheiros de caça do bicho homem.

Já o gato é tido como um bicho matreiro, sonso, astuto e geralmente, ostentado como mero animal de estimação, senão bom caçador de rato.

O dito popular sugere a substituição de um animal pelo outro; entretanto, antes de cair na boca do povo a frase era “Quem não tem cão caça como gato” e desta forma se pode inserir que quando não se tem condições de lutar de igual para igual, melhor usar a astúcia do gato que ameaça , recua, avança, rosna até abocanhar o rato.

Na assertiva o que volga não é a lei do mais forte e sim do mais astuto, esperto, inteligente.



## TIRAR O CAVALO DA CHUVA

Houve uma época em que o meio de transporte mais comum era o cavalo; tempo em que musas e princesas esperavam seus príncipes encantados montados em Cavalos Brancos. E até bem pouco tempo, nas cidades interioranas, ainda se fazia uso do cavalo; principalmente para ir de uma fazenda a outra, de um sítio a outro, de uma casinha de sapé a outra e dependendo da recepção e indicação do local para o desmonte, já se podia atestar a demora ou não do visitante.

Se o cavalo fosse designado para ser amarrado na frente da casa, a permanência seria breve; mas se o animal era levado para um lugar protegido de chuva e sol a demora era certa.

Cabia ao dono da casa dizer: “Pode tirar o cavalo da chuva”, ou seja, leve a montaria para o abrigo confortável porque vai demorar.

## MÃO NA RODA

Quando as viaturas possuíam tração animal e atolavam nas estradas de chão de meu Deus, em nosso país, a solução era pedir ajuda a outras pessoas transeuntes para colocarem literalmente a “mão na roda”; para em um esforço conjunto retirarem o veículo da lama. Até hoje uma ajuda na hora certa continua sendo festejada como uma “mão na roda”.

## NO TEMPO DO ONÇA

Por ter um temperamento arredo o Capitão Vahia Monteiro, militar autoritário, irritado e ranzinza foi cognominado de Onça.

Entre 1725 e 1732 o supracitado, foi governador do Rio de Janeiro e diga-se um dos mais honestos que já se ouviu falar por aqui e era famosa sua reiterada citação ao rei de Portugal: “Nesta terra, todos roubam, só eu não roubo”. Virou lenda e até hoje quando se quer se referir a alguma coisa antiga ou inexistente por conta da atual conjuntura política, no popular se diz que é do “Tempo do onça”.

## FORRÓ

For all (para todos, traduzindo em português) foi utilizado pelos engenheiros ferroviários ingleses de uma empresa que se estabeleceu no nordeste do Brasil; e a expressão tinha como objetivo anunciar, através de um cartaz fixado na entrada de bailes que ofereciam a seus funcionários, que a entrada era franca e liberada para todos indistintamente e assim na boca do povo, o For All, ou seja, Forró começou e assim, o forró continuou!!!!

## MÃO DE VACA

A pata da vaca lembra claramente a nossa mão fechada e baseado nisto o povão passou a designar de “mão de vaca” quem detesta gastar seu dinheiro, mas gosta de consumir por conta dos outros.

Em tempos de crise e por conveniência esta característica tem tido certo acréscimo no cenário brasileiro.

## SALÁRIO

Antigamente a ração diária recebida pelos soldados do Império Romano era na forma de sal, alimento vital e de onde deriva a palavra Salário, advinda do latim Salaium.

Hoje, o pagamento feito em dinheiro faz jus o desempenho do empregado; também chamado de ordenado; muitas vezes recebido através de holerites, documento que autoriza e comprova o recebimento do salário pelo funcionário; é sinônimo de contracheque e demonstrativo de pagamento.

## A GRANDE E À FRANCESA

Esta expressão significa viver com luxo, ostentação e faz alusão aos modos luxuosos do General Jean Andoche Junot, auxiliar de Napoleão Bonaparte que chegou a Portugal na primeira invasão francesa, e dos seus acompanhantes, que só andavam vestidos de gala, ainda que na diária.

Passeavam garbosos em uniformes impecáveis e frequentavam o teatro com as damas de alta sociedade.

Junot, solicitou ao Senado da Câmara de Lisboa uma gratificação pela proteção da capital, tendo em vista o padrão que precisava manter na sua aparência; no que foi gentilmente agraciado. Para a época, uma quantia milionária que lhe permitia viver “à grande e à francesa”.

## AVE DE MAU AGOURO

Pessoas portadoras de más notícias ou que fazem questão de anunciar com sua presença, as desgraças e horrores do mundo, são comumente chamadas assim: “ave de mau agouro”.

Antigamente as aves serviam de premunição para certos presságios, tantos bons como maus auspícios (avis spicium). Os pássaros que mais atentamente eram seguidos nos seus voos, ouvidos nos seus cantos, e aos quais se analisavam as vísceras era a águia, o abutre, a coruja, o corvo e a gralha.

Na contemporaneidade e mesmo com os avanços da modernidade e da globalização cibernética, popularmente falando, ainda há conotação de presságios com qualquer destas aves.

## PASSAR A MÃO PELA CABEÇA

Quando se quer perdoar ou acobertar um erro cometido por alguém a quem queremos bem e protegemos, costumamos dizer que estamos a passar a mão pela cabeça deste alguém.

A origem deste dito popular vem do costume judaico de abençoar cristãos novos, com este gesto de passar a mão na cabeça, descendo pela face enquanto pronuncia a benção que significa a invocação da proteção divina, como também a constituição de desejo benigno para alguém.

## QUEIMAR AS PESTANAS

Usa-se ainda esta frase, embora o fato que a originou já não tenha mais valia, pois foi inicialmente uma expressão usada para exemplificar aquele que estudava muito, antes do aparecimento da luz elétrica, bem antes de Thomaz Edison, e precisavam recorrer a lamparina ou vela para iluminação, pressupostamente precária e devido a aproximação do texto a luz e o cansaço do adiantado das horas, acontecia a leve sensação do queimar das pestanas literalmente.

## CARCAMANO

A expressão carcamano vem do início do século passado e foi usada de forma pejorativa para determinar atitudes de imigrantes que ao chegarem ao Brasil se fizeram feirantes, comerciantes e nesta atividade, na hora de pesar as compras calcavam a balança para aumentar o peso e assim ganhar mais pelo engodo que vendiam.

## FAVAS CONTADAS

Favas em tempos antigos eram usadas em todo tipo de votação. As brancas serviam para indicarem o sim e as de cores diferentes o não. Cada eleitor depositava sua semente na urna; contado os votos, ou seja, as favas; proclamava-se o resultado e ganhava quem recebesse o maior número de favas brancas. Feito isto, a questão estava decidida: eram favas contadas e não adiantava mais reclamar.

## PAGAR O PATO

Pagar o pato significa sofrer consequências, ser enganado. Giovanhi Braccioli nos conta que um camponês vende um pato a uma mulher em troca de sexo.

O rapaz gosta e quer repetir o ato, mas a parceira se nega e se levanta para ir embora quando, nesta ocasião, chega o marido traído perguntando qual motivo daquela discussão; para encerrar o assunto o esperto camponês diz que faltam só dois vinténs para completar o pagamento; preocupado com o jantar, o corno literalmente “paga o pato”.

## TEMPO DE VACA GORDA

De origem bíblica, Tempo de vaca gorda e/ou magra está inserido na história de José, filho de Jacó. Levado para o Egito por mercadores de escravos, ele interpretou um sonho do faraó em que sete vacas gordas eram devoradas por sete vacas magras como sendo sete anos de prosperidades, seguidos por sete anos de problemas na economia do país.

Confirmada a profecia, o dito popular remonta aos “tempos de vaca gorda” com prosperidade, abundância e “tempo de vacas magras” com momentos de crises econômicas.

## SEGURAR VELA

Na Idade Média existiam vassalos para função de segurar vela para que os mais abastados e/ou mais experientes desenvolvessem suas atividades no claro e nunca no escuro.

Há quem ateste que isso se aplicava na hora do sexo quando o empregado ou escravo era obrigado a ficar, inda que de costas, para não ver o que acontecia entre o casal, segurando vela enquanto os dois namoravam.

A expressão é usada neste sentido até hoje, quando alguém sozinha, acompanha um casal e fica ali meramente segurando a vela enquanto o casal troca olhares e juras de amor.

## MEIA TIGELA

Na monarquia portuguesa os empregados ganhavam a alimentação do dia de acordo com o serviço que prestavam. Quem era importante, capaz de desenvolver com postura e presteza uma estratégia, uma incumbência, levava a tigela inteira de comida. Caso contrário, se insignificante ou incompetente, insuficiente para desenvolver uma tarefa qualquer, levava meia tigela.

Desta forma, “meia tigela” passou a ser sinônimo de mal feito, de insatisfação, desleixo.

## CONTO DO VIGÁRIO

Certa vez um vigário, em troca de dinheiro miúdo para suas despesas urgentes, teria confiado a um cidadão honesto, em troca de determinada quantia, um embrulho (o chamado pacote) que, segundo ele, continha muito dinheiro, mas que, na verdade, era tudo papel sem valor.

Desta forma “conto do vigário” é o golpe que alguém aplica fazendo passar-se por outra pessoa e sempre querendo levar vantagens.

## NÃO TER PAPAS NA LÍNGUA

A expressão vem da frase castelhana “no tener pepitas em la lengua.” Pepitas, diminutivo de papas, são partículas que surgem na língua de algumas galinhas, uma espécie de tumor que lhes obstrui o cacarejo.

Quando não há papas, a língua fica livre. O mesmo acontece conosco, quando não freamos a língua, soltamos o vernáculo e falamos demais.

## ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATE QUE FURA

Um dos primeiros registros da supracitada frase vem de Ovidio ( 43 a.C – 18 d.C ), autor de: *A arte de amar* e *Metamorfose*: “Água mole cava a pedra dura” com o passar do tempo o dito tornou-se popular e repassado de geração a geração; “Como quem conta um conto aumenta um ponto”, hoje se diz: água mole em pedra dura tanto bate até que fura, quando se pretende exaltar que a persistência vence obstáculos.



## SALVO PELO GONGO

Catalepsia é o estado em que a pessoa parece morta, mas continua viva; e muitas vezes acaba sendo enterrada viva, devido a aparente morte.

No século XVII, na Inglaterra, um cérebro luminar usou a imaginação para resolver a tétrica situação. Baseado numa exumação em que apareciam arranhões na tampa do caixão, pelo lado de dentro, em uma indicação que o morto acordado e desesperado tentara sair; a ideia salvadora surge: era fechar o esquife, mas antes de enterrar, amarrar uma cordinha no pulso do pretense defunto para no caso de acordar, puxar a corda que passava por uma brecha na parede do caixão e ficava amarrada num sino aqui fora. Alguém ficava de plantão durante sete dias; se o indivíduo acordasse, o movimento de seu braço faria o sininho tilintar e ele seria “salvo pelo gongo”, como já acontece nas lutas de boxes.

## CARTA NA MANGA

Esta expressão tem origem no poker, em que a carta de maior valor é o “Ás” e geralmente quem tem um escondido na manga, as chances do adversário vencer são ínfimas.

Na boca do povo refere-se a um plano ou estratégia guardada para ser usada no momento oportuno; seria uma válvula de escape, um último recurso ou saída para qualquer situação.

## CARTA NA MESA

Esta frase também é oriunda do jogo de baralho, desde uma vez que em todo jogo de cartas, há um momento de botá-las na mesa. É a hora de mostrar o jogo e partindo daí, saber quem ganhou, quem venceu o certame. É o exato momento de abrir o jogo, mostrar a verdade, exibindo aos outros o que se tem em mãos.

Da mesma forma, quando se quer abrir o verbo e contar a verdade a alguém, põe-se “As cartas na mesa”.

## AOS TRANCOS E BARRANCOS

Tranco é o salto que o cavalo dá; barranco é a ribanceira de um rio com margem íngreme aqui no Brasil; já em Portugal ribanceira é uma vala aberta por ações do tempo.

Aos trancos e barrancos significa dizer que mesmo diante das intempéries da vida , dos obstáculos e dificuldades se segue adiante e confiante na vitória.

## DE PÉS JUNTOS

Jurar de pés juntos é dizer algo com toda convicção da verdade. A expressão surgiu em Portugal, no Século XVI quando a posição de sentido, ou seja, os pés juntos, demonstravam respeito, verdade, obediência.

## DE TIRAR O CHAPÉU

O rei francês Luis XIV, criou o manual de etiquetas, normatizando sobre o uso do chapéu; embora pouco se faça uso desse adorno na atualidade, a expressão ganha força quando usada para homenagear e referenciar alguém; pois tirar o chapéu para alguém, configura uma saudação em ocasiões especiais; é uma maneira de expressar respeito, gratidão e louvor.

## OK

“0 Killed” (nenhum morto) era assim que soldados que voltavam da Guerra nos EUA escreviam numa placa para informar que estava tudo bem entre as tropas e que não havia baixa entre os homens, ou seja, “Zero morte”.

A expressão OK ficou mundialmente conhecida e é utilizada para sinalizar qualquer ato ou situação positiva.

## GATOS PINGADOS

A supracitada expressão nos remonta à Ásia, principalmente em determinadas regiões que usavam como tortura pingar óleo fervendo em cima dos condenados ou para afugentar animais principalmente gatos, em praça públicas. Tal procedimento tinha pouca assistência devido a tamanha maldade e poucos curiosos permaneciam na plateia.

Com o passar dos tempos “Gatos Pingados” passou a ser usado quando da pretensão de se referir a uma inferioridade numérica ou irrelevante.

## MAIS VALE UM PÁSSARO NA MÃO QUE DOIS VOANDO

Todo caçador que se preze sabe que mais vale um pássaro na mão que dois voando; ou seja, nunca trocar o certo pelo duvidoso e que é melhor ter pouco, mas ter, do que ambicionar mais e perder tudo. Daí, preferirem apanhar logo a ave que tinham atingido de raspão e que já estava nas mãos, do que voltar e tentar alvejar outras e errarem o alvo.

## COR DE BURRO QUANDO FOGE

O burro quando foge se torna um animal perigoso porque fica enraivecido e o bom senso diz que devemos correr dele; tanto que, a priori, a frase era corra de burro quando foge. Entretanto, no popular foi alterada para “Cor de burro quando foge”. E burro muda de cor?! Ou tem cor de perigo?

## ONDE JUDAS PERDEU AS BOTAS

Esta expressão também tem origem Bíblica. Depois que Judas traiu Jesus e recebeu 30 moedas, caiu em depressão e se enforcou numa árvore. Dizem que se matou sem as botas e que nunca encontraram o dinheiro; daí os soldados buscarem as botas de Judas em vários lugares, na tentativa de encontrar também o vil metal, o que nunca aconteceu. A frase passou a significar lugar distante e de difícil acesso.

## NOS CAFUNDÓS DE JUDAS

Também tem origem Bíblica e faz alusão a Judas. Diz-se de um lugar distante, íngreme; que além de muito longe ainda é desprovido de recurso e comunicação. Local de difícil acesso. Provavelmente “onde Judas perdeu as botas”.

## DEIXAR DE NHENHENHÉM

Nhem em Tupi significa falar. Quando o Brasil foi descoberto e os portugueses aqui adentraram, os índios não entendiam o que os europeus falavam e diziam que eles ficavam de “ti-ti-ti” de “Nhen-Nhen-Nhém.” Com isto os nativos queriam dizer que eram conversas intermináveis em tom de fofoca, resmungo de lamúria, conversa irritante, monótona.

## JURAR DE PÉS JUNTOS

A frase surgiu na Idade Média quando das atrocidades na Santa Inquisição em que os acusados de heresia eram torturados e tinham as mãos e os pés juntos e amarrados até confessarem seus crimes e desta forma jurarem de pés juntos.

## DORMIR COM AS GALINHAS OU ACORDAR COM AS GALINHAS

A expressão tem origem no reino animal e significa deitar-se cedo, logo ao anoitecer, como fazem as galinhas ou acordar cedo, como também fazem as galinhas.

## ESTÔMAGO DE AVESTRUZ

O estômago do avestruz é dotado de um poderoso suco gástrico que é capaz de dissolver até metais.

Diz-se “Estômago de avestruz” aquele que come qualquer coisa.

Alude-se a quem gosta de degustar muito e até chega ao pecado da gula sem se preocupar com a qualidade do que come.

## O CANTO DO CISNE

Usa-se a supracitada frase para fazer menção às últimas realizações de alguém antes da sua ida para o outro lado da vida. E mais uma vez, vai se buscar comparação no reino animal. Pois, antigamente, dizia-se que o cisne emitia um lindo canto quando estava prestes a morrer.

## ABRAÇO DE TAMANDUÁ

O tão conhecido abraço é sinônimo de traição ou deslealdade. O tamanduá se deita de barriga para cima e abre seus braços. O inimigo, ao se aproximar, é surpreendido por um forte abraço, que o esmaga até a morte.

## OLHOS DE LINCE

Os filhotes de Lince só abrem os olhos com dez dias de vida. Em compensação, quando crescem, os lince têm uma visão apurada. Os povos mais antigos acreditam que esses animais conseguiam enxergar através das paredes. Ter olhos de lince significa enxergar longe.

## COM A CORDA TODA

Os brinquedos de décadas anteriores eram movidos à corda, ou seja, possuíam mecanismos que eram acionados torcendo um dispositivo chamado “corda” que fazia o brinquedo se mexer. Desta forma, quando se dava corda completa, ou seja, a corda toda em um brinquedo, ele se movia, tinha vida e funcionava de forma agitada. Daí a origem da expressão.

## ACORDA MEU POVO

Acorda meu povo! Usa-se este termo também no sentido de sacudir, de ficar esperto; É uma expressão popular que tem o bom senso de pedir que fiquem alertas para as mazelas do cotidiano, principalmente na atual conjuntura do país.

## SANGRIA DESATADA

Diz-se da pressa e da falta de estratégia para se resolver qualquer coisa em pouco tempo, sem pensar e sem ter recursos para tal; devido a situações que requerem uma solução ou realização imediatista.

Esta expressão teve origem nas tropas de guerras, em que a necessidade e a lei de sobrevivência eram imediatistas, e frente a um soldado ferido, valia tudo para reverter o quadro da morte ou dor.

Frente a um eventual deslize com a atadura posta sobre o ferimento, o soldado morreria por perder muito sangue naquela sangria desatada.

## DE CABO A RABO

A expressão acima dá ênfase a situações e pessoas como um todo, ou seja, do começo ao fim. Tem origem portuguesa e o termo, a priori, era de Cabo a Rabá, sendo Cabo cidade e Rabá capital do Marrocos, numa alusão à ideia de um ponto a outro.



## DA PÁ VIRADA

A expressão popular “da pá virada” hoje se refere a alguém ousado, divertido ou diferente que foge aos padrões convencionais ou ainda a alguém imprevisível e impetuoso, além de brincalhão ou provocador.

## TAPAR O SOL COM A PENEIRA

Peneira ou Arupemba é um utensílio doméstico utilizado para separar substâncias transformadas em fragmentos . A tentativa de tapar o sol com tal utensílio é impossível desde uma vez que o objeto é permeável á luz; inclusive do sol. Usa-se a metáfora para explicar quando da tentativa de alguém querer negar evidências, ocultando verdades.

## ARROZ DE FESTA

Para designar pessoas que não perdem festas, eventos sociais, diz-se que este alguém é que nem “Arroz de Festa”. Uns dizem ter surgido tal expressão da tradição de jogar arroz em recém-casados; outros aludem à existência de uma sobremesa muito famosa em Portugal que passou a ser servida nos eventos e festas; corresponde ao nosso “arroz doce”.

## BATER AS BOTAS

A supracitada frase surgiu na Guerra do Paraguai e fazia referência macabra aos abates de soldados; pois quando estes eram gravemente feridos, eram estirados no chão pelos companheiros ou médicos se existisse na tropa, e nos estertores finais sacudiam as pernas, batendo as botas uma na outra.

## DAR COM BURROS N'ÀGUA

Surgiu tal expressão no Brasil Colônia quando tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café, precisavam ir de uma região a outra sobre o lombo dos burros e como não havia estrada, os caminhos íngremes não facilitavam a passagem e terminavam perdidos nas regiões alagadas e até morriam na travessia das lagoas, rios. Daí, a expressão passou a ser usada para se fererir a quem faz grande esforço para conseguir um objetivo e não tem sucesso.

## DAR DE MÃO BEIJADA

Dar de mãos beijadas ou dar de forma espontânea sem nada pedir ou esperar em troca é um dito popular que tem origem na Idade Média; pois na época ventilada, era comum que os ricos fiéis dessem generosos presentes, tais como terra, moedas de ouro, palácios, dentre outros brindes de valia à Igreja. Como recompensa estes tinham a primazia e privilégio de beijar a mão do papa.

## ENGOLIR SAPOS

Alude-se que a expressão acima tenha origem nos relatos Bíblicos que falam das pragas que atingiram o Egito no tempo de Moisés. Hoje em dia o termo “Engolir Sapos” é usado como metáfora para designar o ato de suportar situações desagradáveis sem hesitar ou questionar.

## PÃO E CIRCO

A expressão, bem condizente com os dias atuais, “Pão e Circo”, surgiu na Roma Antiga quando a escravidão na zona rural fez com que os camponeses ficassem desempregados ou sem suas terras e fossem para a cidade em busca de melhorias. O crescimento urbano inesperado gerou problemas de ordem social e o Imperador de forma inteligente, acabou criando a política “panem et circenses”, ou seja, a política do pão e do circo; e todos os dias havia lutas de gladiadores no Coliseu e durante os eventos eram distribuídos pães. Desta maneira, a população satisfeita se distraía ao tempo em que se alimentava e não pensava em rebelar-se; ludibriados, até aplaudiam o Imperador.

## DADOS BIOGRÁFICOS DA AUTORA

LISETE NAPOLEÃO MEDEIROS, filha de Gervásio Medeiros de Sousa e Lisete Napoleão Medeiros, nasceu na cidade de Floriano (PI) onde realizou seus primeiros estudos. Coursou o segundo grau no Liceu Piauiense, em Teresina; graduou-se pela Universidade Estadual do Maranhão, (UEMA) e Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pós-Graduou-se em Leitura e Produção de Texto na PUC-MG, em Educação na UFPI, em EAD pelo NEAD/UESPI. Atualmente faz Pós em Ciências da Educação pelo FORUM em parceria com a Lusófana de Lisboa (Brasil\Portugal). Coordena curso de Pós-Graduação no NEAD/Uespi; Está na direção da Gráfica e editora da Uespi e é autora do HINO oficial da Universidade Estadual do Piauí.(UESPI)

Autora dos livros: 1 - Quem Conta Um Conto Aumenta um Ponto, 2 - Estórias Que Ouvi, 3 - Zamba, 4 - Uma Estória Atrás da Outra. 5 - Um Brinde à Vida. 6 - Piauiense, Sim Senhor!. 7 - Dizer Por que Dizer. No prelo se encontra: Estórias e Histórias. É verbete de várias antologias nacionais e internacionais, escreve para jornais locais de Teresina, tendo participação escrita também na Revista DE REPENTE, onde é membro do Conselho Editorial. LISETE NAPOLEÃO é artista plástica, fez teatro, estudou música, é pesquisadora, escritora, professora de Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Dentre as muitas atividades que já exerceu destacam-se: Assessora de Imprensa do Projeto Rondon em Teresina, implantando na ocasião o Jornal Informativo. Professora de Inglês do Colégio, “Domício,”. Professora efetiva de Redação, Comunicação e Expressão, Folclore e Literatura Infantil do Instituto de Educação “Antonino Freire” – Teresina.

Dirigiu a Unidade Escolar “Engenheiro Sampaio”. Esteve como membro da Comissão Provisória de Editoração da revista

da UESPI (Universidade Estadual do Piauí). Foi representante da Universidade Estadual no Conselho Paritário do Sistema de Incentivo Estadual à Cultura; Diretora de Ensino Pesquisa e extensão, Chefe de Assessoria de Assuntos Internacionais e de Comunicação Social da UESPI; Vice-diretora do Centro de Ciências Humanas e Letras, da UESPI. Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UESPI. Respondeu pela Pró-Reitoria de Extensão. Também foi Pró-Reitora Adjunta de Ensino de Graduação. Participou de Comissão de seleção para cursos de Pós-graduação da UESPI, como também para seleção de concurso para professor da mesma Instituição, onde é DEDICAÇÃO EXCLUSIVA. Esteve membro do Conselho Diretor e Conselho Universitário da UESPI. Atualmente é coordenadora de curso de Pós Graduação do NEAD/UESPI.

Foi suplente de Deputado pelo PHS.

É Comendadora da Ordem Estadual do Mérito Renascença do Piauí

Comendadora do Mérito “Da Costa e Silva” por relevantes serviços prestados à literatura piauiense.

Apontada como “Intelectual do Século” pela Academia de Letras da Região de Setes Cidades. Também cognominada “Musa das Letras”.

Tem Título de Cidadania da Cidade de Teresina e Campo Maior.

É membro da UBE (União brasileira de escritores), ocupando o cargo de Vice-Presidente. Pertence ao Sindicato dos Escritores, na função de tesoureira e é membro da Federação das Academias de letras do Piauí.

Ocupa cadeira nas Academias: Academia de Ciências, Academia de Letras do Vale do Longá, (onde foi Presidente) Academia de Letras da Região de Setes Cidades, Academia de Letras e Artes de Campo Maior, Academia de Letras do Médio Parnaíba, Academia de Trovadores do Piauí e a Sociedade Literária/SOL.



[editora.uespi.br](http://editora.uespi.br)

